

A CIDADE DO VENTO



A cidade do vento

GRAZIA DELEDDA

*Tradução, posfácio e notas de
William Soares dos Santos*



© Editora Moinhos, 2019.

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico: LiteraturaBr Editorial

Capa: Editora Moinhos

Esta tradução teve como fonte a edição de 1931, da editora Fratelli Treves, Milano.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D346c

Deledda, Grazia

A cidade do vento / Grazia Deledda ; traduzido por William Soares dos Santos. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.

162 p. ; 14cm x 21cm.

Tradução de: Il paese del vento

ISBN: X978-85-45557-97-5

1. Literatura italiana. 2. Romance. I. Santos, William Soares dos. II. Título.

2019-584

CDD 853

CDU 821.850-31

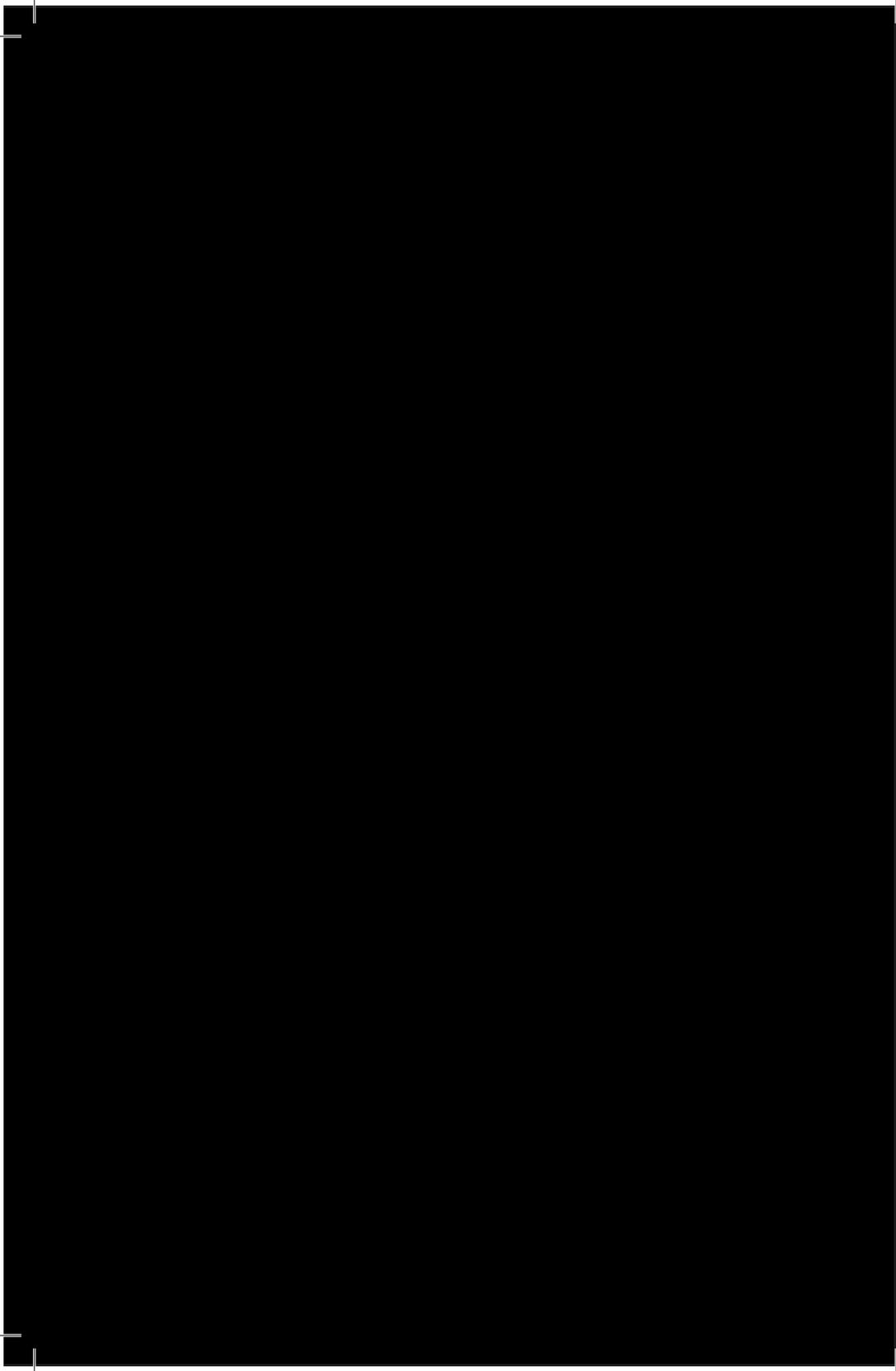
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura italiana : Romance 853
2. Literatura italiana : Romance 821.850-31

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

A CIDADE DO VENTO



Não obstante todas as precauções e providências tomadas para a ocasião, a nossa viagem de núpcias foi desastrosa.

Nos casamos em maio e partimos logo após a cerimônia; um belo meio-dia ventilado, perfumado de flores. Rosas, rosas e rosas nos acompanhavam; as meninas as jogavam de suas janelas com punhados de grãos e olhares de inveja amorosa; a estação estava cheia de guirlandas e, da mesma forma, as cercas do vale. Rosas e grãos, amor e fortuna: tudo nos sorria.

A meta de nossa viagem era segura, adaptada à circunstância: uma pequena casa entre o campo e o mar onde meu esposo já havia, algumas vezes, veraneado; uma mulher de idade, muito discreta, muito boa para os afazeres domésticos, já conhecida dele, devia se encarregar de todas as nossas necessidades materiais, enquanto nós iríamos passear

ao longe, à beira do mar, ou entre os prados estrelados de alfazemas, ou mais para lá, entre os meandros aveludados de musgo dos pinheiros. Propositalmente, eu trazia um chapéu de palha de Florença, flexível e alado como uma grande borboleta, com uma fita creme esvoaçante, parecido com aqueles que usavam as heroínas de Alexandre Dumas Filho.

E até a primeira parada de nosso trenzinho tranquilo, a viagem deu-se segundo as tradições: primeiro as pequenas lágrimas, pelas pessoas e as coisas deixadas, depois nossos sorrisos recíprocos, mãos entrelaçadas, olhos levando em seu interior o reflexo dos olhos amados ao infinito; corações cheios de certeza de que o mundo é todo um paraíso terrestre de nossa exclusiva propriedade. Pétalas de rosas e pequenos pedaços de grãos permaneciam ainda entre as dobras do meu vestido.

A realidade quebrou o sonho presunçoso na primeira parada do pequeno trem.

Não, o mundo não é todo nosso; tantas pessoas competem por ele! A pequena estação em meio aos prados é como que invadida por um rebanho e o pequeno trem é tomado de assalto, como aqueles que, no verão, saem da cidade em direção às estações balneares, mas tomados por uma multidão muito mais prepotente e arrogante.

São todos homens, todos jovens, quase rapazes; nativos, camponeses, tropeiros, vestidos de maneira grosseira, com sapatos de montanhese, embrulhos, bastões, cheiro de rebanho e de pessoas em contato com a terra.

Os primeiros pareciam imigrantes, mas eram muito jovens para se exilarem voluntariamente, todos muito alegres, embora a sua alegria fosse forçada e selvagem.

“São recrutas”, explica o meu marido. “Não está vendo o sargento que os conduz?” E este, de fato, entra em nosso compartimento e, visto que os vagões de terceira classe não são suficientes para todos, é seguido por alguns de seus subalternos.

E adeus felicidade!

A nossa presença é rapidamente notada, a nossa situação julgada e condenada; se um casal de esposos, no seu primeiro dia de núpcias, é levado ao ridículo até pelas pessoas tranquilas, imagine-se, então, o que nos faria um bando como esse.

Nossas mãos se separaram e, assim, pareciam se separar também as nossas almas.

Meu marido era, e é, um homem muito cívico, o que significa que é sociável, de caráter franco e otimista, além disso, é muito confiante no próximo, a quem sempre tem por honesto, pois ele também é honesto. Os seus olhos são como janelas abertas de sua alma; todos podem olhar para dentro delas, já que lá dentro não existe nenhum canto escuro onde possa se esconder um mistério.

É um homem, entretanto, que exige o mesmo de seu semelhante; para isso, também quer que sejam respeitadas as maneiras no que diz respeito a si mesmo e às outras pessoas. Ele foi, então, o primeiro a intuir a nossa situação frente àquele rebanho de humanidade jovem, sensual e, naquela ocasião, um tanto brutal; se afastou então de mim, aparentemente se compreende, para nos salvar, ambos, daquela atmosfera perversa que havia, de repente, se formado ao nosso redor. Começou, primeiro, a falar com o sargento e depois até com os recrutas; ele também havia sido um mili-

tar e tinha atingido o posto de capitão da reserva, que ainda conservava. O contato com a nova companhia pareceu até alegrá-lo e excitá-lo: começou a contar minuciosamente toda a sua carreira militar, incluindo as aventuras amorosas e, para não ficar por baixo, o sargento narrou as suas.

Os jovens, então, escutavam e riam, sem mais prestar atenção em mim; terminaram por cantarem, todos juntos, o coro de uma canção de soldados; e foi ele, o meu companheiro, quem deu o tom.

Não parece nada de mais, no entanto, depois de tantos anos, não posso me lembrar daquela cena sem me sentir assustada.

Parecia-me estar sozinha no mundo e, pior que sozinha, escrava de um destino equivocado, arrastada, como uma autêntica escrava, por um bando de soldados, depois de uma invasão de guerra.

O temperamento eu já possuía; nascida em uma cidade onde a mulher era tratada ainda com critérios orientais, e trancada em casa com a única missão de trabalhar e procriar. Eu tinha todos os aspectos da raça: pequena, morena, desconfiada e sonhadora como uma beduína que do limite de sua tenda entrevê, nos confins do deserto, em miragens de ouro, um mundo fantástico, eu recolhia nos olhos o reflexo dessa vastidão ardente, desses horizontes que ao cair da tarde possuíam as cores líquidas de minha íris.

Tudo em minha mente ganhava a forma de uma fantasia: os menores acontecimentos se desenvolviam em temas grandiosos; os mínimos sinais da realidade ganhavam forma de símbolos, de profecias, de augúrios. E tudo me exaltava para depois me deprimir, assim que a fantasia se esvaía.

O meu instinto, também esse da raça, era aquele de me esconder até pelas coisas e desejos mais simples. Ninguém deveria ver a minha carne, os meus cabelos soltos; até as mãos eu escondia. Às vezes, como os frágeis animais selvagens, eu comia escondida, em um canto da casa. Por quê? Pelo primordial instinto de salvar o meu alimento da avidez dos outros, ou por que mesmo o ato de se alimentar me parecia uma coisa impura e vulgar?

O meu corpo, enfim, não deveria existir para os outros e, talvez, nem para mim mesma; mas os sentidos, precisamente devido a esta repressão voluntária, eram vivíssimos, todos, e as coisas externas, bonitas e feias, me prendiam com a violência do prazer e do desgosto.

Sobretudo eu escondia os olhos, sobre as largas pálpebras e os cílios longos, para trancar o intenso desejo de vida e o ardor de que compunham o fundo de meu ser e também, talvez, para fugir da luz violenta de meus próprios sonhos, como os olhos dos pássaros que, devido ao cansativo e longo voo, são agraciados com duplas pálpebras para não serem, no ímpeto de suas viagens, cegados pelo vento e pelo sol.

Mas o que eu queria esconder pertencia exclusivamente a mim, por isso, nos escrupulosos exames de consciência que fazia antes de ir me confessar, não me considerava hipócrita ou, menos ainda, ambiciosa; ao contrário, antes eu sabia que era um tesouro hereditário aquilo que eu guardava dentro de mim, isto é, a maravilhosa riqueza das estirpes virgens, o elevar-se do espírito entre os ardores da carne, como a luz da chama; e junto com o instinto da pureza e da

conservação física, a busca de um ponto inalcançável, que é a própria busca de Deus.

Por isso eu havia escolhido o homem que, então, me acompanhava na minha primeira viagem sobre a terra, porque nos seus olhos que nada escondiam eu encontrava um princípio do mistério que procurava.

Mas a terrível viagem com os recrutas, que durou até a nossa estação de chegada, o contato com uma humanidade totalmente carnal, da qual ele também me parecia fazer parte, começavam a me mostrar o lado material da realidade.

Encolhida no canto do vagão, sem apreciar as paisagens da primavera que pareciam ser levadas pelo vento, eu fazia, com lúcida desolação, o meu plano de vida.

“Estou condenada a viver sozinha, agora eu entendo, mas não me assusto. Sempre vivi sozinha, mesmo estando junto de minha mãe e de meus irmãos. Acreditava ter encontrado em meu marido também um companheiro espiritual, me enganei. Esse é talvez o destino de todos: a solidão.” No fundo eu sentia uma dor fria e dura, como se o meu marido, que ainda não era capaz de tal coisa, já me houvesse traído. E não me ocorria que, quem criava o meu drama, era a minha ignorância em relação à vida e a desconfiança atávica de tudo aquilo que é novo.

Descemos, então, do trem, entre gritos de “urra!”, os assobios, as brincadeiras e os desejos de felicidade dados pelos companheiros de viagem. E mesmo a saudação deferente e cortês do sargento me parece irônica e, talvez, seja realmente, pela minha inconveniente aridez. Todos os recrutas penduraram as suas cabeças diabólicas, como ca-

chos, nas pequenas janelas dos vagões, e já que não havia outro divertimento na pequena estação deserta, em torno da qual continua a estrondar um vento impetuoso, similar àquele provocado pela corrida do trem, todos os olhos se fixaram no jovem casal que desce as suas malas e, na falta de carregador, se dispõe a levá-las pessoalmente.

Meu marido saúda a todos, parece quase que está triste por deixar a alegre companhia para seguir a pequena esposa, verdadeiramente carrancuda. E o maldito trem finalmente se move, vai em direção ao horizonte de esmalte turquesa, mas como uma última zombaria os recrutas cantam uma espécie de hino nupcial, com as costumeiras alusões. Um coro benévolo, e até nostálgico – visto que tudo o que se deixa é bom, até para um homem que só concebe a poesia de modo animalesco –, mas que golpeia as minhas costas como um vento gelado.

Na verdade, esse vento sopra realmente, de noroeste, e como deixamos a estação e a proteção que ela nos oferecia, nos empurra com desagradável violência. Tenho ainda a impressão de que eram os espíritos hostis da solidão que, à nossa volta, nos acolhiam em nossa chegada, e que sem o contrapeso das malas, teriam nos jogado longe, como inimigos.

Mas onde estamos?

“Não deveria vir uma senhora para carregar estas malas?”

Meu marido se sacudiu ao chiado da voz irritada e, de repente, virou-se totalmente em minha direção.

“Vejam, talvez a Marisa esteja atrasada.” Mas nem ele acreditou nessa possibilidade. Preocupado, fez-me colocar as malas em um banquinho encostado em um quiosque fechado, no espaço em frente à estação, e olha para lá e

para cá, em direção às distantes estradas que se perdem em triângulo através dos prados até o mar e nas quais não se vê ninguém.

“Deve ter acontecido algum imprevisto. Será que ela não recebeu o meu telegrama?”

Por uma coisa ou outra, o fato é que a mulher não apareceu. Dentro do quiosque um grupo de duendes assobia com ironia. À nossa volta vejo uma espécie de charneca, cheia de ervas altas e arbustos floridos de branco de forma que parecem com cabeças de velhas despenteadas pelo vento. No fundo, já escurece o vermelho vivo do entardecer, se delinea um pinheiro e o campanário da pequena cidade se levanta acima das copas dos pinheiros como um pastor sobre o rebanho.

Meu marido me encoraja:

“Não pense que teremos de andar até o fim do mundo, minha menina. Nossa casinha está a dois passos daqui. Vamos, levante.” Ele coloca as malas sobre as costas com a suave agilidade de um carregador profissional, e me deixa apenas os embrulhos. Eu o sigo, mas é o coração que pesa, e nesse instante eu tenho a cansativa impressão de estar subindo uma montanha ao invés de ir em direção ao mar.

De repente, a primavera parecia ter se transformado em outono; e era outonal o verde frio das ervas e a cor amarelo avermelhado das flores das sebes, das folhas de algumas árvores e mesmo do céu. Talvez fosse o efeito do vento. Com certeza, entre os efeitos do vento, estavam aquela confusão e o murmurar hostil com o qual nos acolheram os salgueiros e os choupos em volta da pequena casa que se refugiava en-

tre eles, cinza, fechada e que também me pareceu inóspita e quase severa.

Meu marido colocou as malas em frente à porta, foi pegar a chave e ver o que tinha acontecido com Marisa que, conforme ele continuava a afirmar, morava a poucos passos dali. Eu, no entanto, não via casa nenhuma e começava a acreditar que ela seria um personagem fantástico. E todo o resto também me parecia fantástico: a minha presença naquele lugar, eu estar sentada em cima das malas, como uma imigrante na primeira etapa de sua viagem em direção ao desconhecido, e mesmo os sentimentos de angústia e agitação que me sacudiam mais do que o vento e as árvores em volta. E essas árvores, de um verde insólito, pálido como aquele dos salgueiros, escuro como o dos choupos, que em misturar-se ganhavam tons de azul sobre o azul marinho do céu e davam um senso de irrealidade, como os reflexos da água ou dos vidros em uma janela.

Passam os minutos e o meu marido não volta; acho que ele não vai voltar nunca mais. Nesse instante tudo me parece possível nessa aventura extraordinária que foi o meu casamento, aventura que me erradicou de minha terra, de minha casa e me levou ao redor do mundo.

Entre outras coisas, eu sentia fome e, ainda que tivesse em minhas mãos um pequeno cesto de comida, parecia-me que eu nunca mais poderia me alimentar e, visto que uma dor infantil se misturava ao fundo de satisfação romântica que a minha situação provocava, enfim, comecei a chorar, como um leve chiado de um pássaro, que se perdia no grande lamento das coisas em volta.

Mas não, eu não estou mais sozinha e perdida no mundo. Um lamento muito mais intenso do que aquele das árvores e do próprio mar responde ao meu. Não é uma voz humana e, no entanto, fala pela vontade de um homem, e exprime a sua tristeza e desolação, que são iguais às minhas: é o pranto de uma alma que chegou em um lugar desconhecido e solitário, sem saber como a noite iminente destilará o seu destino e se a manhã fará florescer novamente para ele a flor da esperança, alma que não pede ajuda, mas se lamenta consigo mesma.

Era o som de um violino.

Quem tocava o instrumento fazia simples exercícios, como que procurando um motivo criador que desse forma aos seus sentimentos: e, realmente, estes transpareciam através da vibração das notas, como a água que jorra através das rachaduras das rochas, e se juntavam estranhamente àquelas que o meu pranto exprimia.

Não apenas isso, mas eu tinha a impressão de que aquele som fosse uma fantasia, ou brotasse de um canto escuro do meu ser, do subconsciente.

E então todo o resto, o meu noivado, o meu casamento, o encontrar-me naquele lugar e naquela situação, tudo se transformava realmente em um sonho entre o trágico e o ridículo. A realidade era outra, eu ainda estava na casa de meus pais, no limite entre o vale e a cidade, que mesmo sendo o centro administrativo da região, conservava todos os aspectos, as cores e o clima de um vilarejo de uma época muito antiga.

A minha casa estreita, quadrada e rude como uma torre, com um patamar e apenas uma sala em cada andar, era uma

das mãos altas. E desde menina eu tinha estabelecido a minha residência particular no último andar, em uma espécie de água-furtada observada apenas pelo teto sustentado por grossas traves e por uma espessa articulação de juncos.

Das traves pendiam cachos de uvas e frutas, cebolas e tomates, e também tranças de alho que pareciam um *ex voto* de cera, e ainda salames defumados. Com tudo isso, a sala não poderia ser exatamente uma água-furtada, porque era alta, com as paredes pintadas de cal, o pavimento de madeira e também havia duas belas janelas, ao lado de uma delas uma bela estante cheia de livros, e próximo à outra uma escrivaninha antiga que parecia um móvel sarraceno, toda feita de ébano autêntico, ornado de marfim.

Da janela próxima à estante se podia ver toda a cidade, um tabuleiro de telhados vermelhos e verdes, altos e baixos, dos quais emergiam três campanários, todos iguais, sutis e brancos, enquanto que no fundo, quase junto ao horizonte, as torres da catedral se levantavam escuras e maciças.

No inverno até a cor da cidade era escura e úmida, no verão era ardente e avermelhado, ao invés disso, na primavera e depois das primeiras chuvas de outono, os velhos telhados cobertos de musgo lembravam algo de pré-histórico, como um vilarejo construído de pedras, sobre as quais renascia o verde de uma vegetação tenaz e virgem dos cumes das montanhas.

Até mesmo a estrada estreita e pedregosa que eu via me debruçando sobre a janela, parecia um daqueles pequenos caminhos de montanha: e montanhas e montanhas apareciam no vão da outra janela, verdes, azuis, brancas, cinzas e violetas, segundo a distância de cada uma. Todo

o horizonte servia de cerco a esta paisagem e, no entanto, permanecia amplo, aéreo como se as montanhas fossem nuvens. As mais próximas, surgidas de um vale que eu não via porque uma barragem de hortas e de jardins me separava delas, eram, em parte, verde-bosque com largas manchas prateadas de granito e zonas douradas de samambaias e asfódelos¹.

As rochas, junto às sombras dos cimos que, de tão altos, pareciam monólitos, cobertos de um musgo fofo como uma casca aveludada, na primavera se enchiam de pequenas flores púrpuras, depois, até o verão, uma festa de cores explodia sobre todo o monte. As quinas se embranqueciam de asfódelo florido, o verbasco² prateado riscava o verde vivo das samambaias e o bosque de carvalhos se transformava todo em ouro.

¹ Asfódelo: Planta lilácea de raiz tuberosa e de belas flores ornamentais. É interessante observar que, na mitologia grega, o Campo de Asfódelos é um local do mundo inferior no qual Hades, o deus dos mortos, faz vagar todas as almas que não sendo nem más, nem boas, são consideradas irrelevantes. Na *Odisseia*, de Homero, há três claras referências à planta e ao mito. A primeira referência está no livro XI, no qual Ulisses evoca os espíritos dos mortos; a segunda referência, ainda no livro XI, quando aparece o Órion; e a terceira referência pode ser encontrada no livro XXIV, quando há a descrição das almas dos mortos que chegam ao prados de asfódelos imortais. Referências contemporâneas à planta (e ao mito) podem ser encontradas, por exemplo, nos livros de Rick Riordan (na série Percy Jackson) e em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* de J. K. Rowling.

² Verbasco: designação comum a diversas plantas da família das escrofulariáceas, todas da Europa. No Brasil se costuma designar por este nome ou ainda por “herbasco” (em Minas Gerais), uma planta da família das logoniáceas (*Buddleia Brasiliensis*).

O outono estragava a festa, as cores se empalideciam, se decompunham, se obscureciam até que, no inverno, tudo se tornava escuro, nuvens e rochas se misturavam em uma contínua desordem quase sinistra, e o arfar, cada dia mais forte, da torrente contava uma história de dor que ia se perder no vale.

Na verdade, eu não via o vale, mas o *sentia*, em todas as estações, com aquela trágica canção que ecoava da torrente, com os rumores do vento que em algumas noites de inverno saíam, como do fundo de um vulcão, e que me davam um prazer quase físico, porque me pareciam com o grito da terra atormentada pelos elementais³, um eco da minha própria adolescência agitada de sonhos e desejos insatisfeitos; sonhos e desejos que depois, na primavera, se repetiam com o canto do cuco, sempre mais claro à medida que se apagava a canção da torrente, e que descia sobre o vale o hálito ardente e perfumado do verão.

A minha família possuía um pequeno sítio que ficava no vale, cultivado e vigiado por um velho camponês que vivia ali como um eremita, e tinha o aspecto autêntico de um eremita, só de vez em quando ele subia, vinha à nossa casa com um cesto de palha recoberto misteriosamente de folhas de acanto, as quais, levantadas, faziam surgir os primeiros frutos da primavera com suas cores de pedras preciosas; no inverno as azeitonas, e, quando não tinha outra coisa,

³ “Elemental” é um termo que se refere a seres mitológicos, relacionados com as forças da natureza em tradições religiosas animistas. Segundo a crença mais corrente, os elementais seriam seres que habitariam manifestações da natureza. Os mais comuns elementais seriam aqueles relacionados ao fogo, ao ar, à água e à terra.

trazia os bagos escuros e reluzentes do mirto e de outras frutas silvestres. O velho, então, representava o papel de um daqueles seres ligados à natureza, o mito da terra que oferece a todos as suas dádivas, até as mais selvagens, ao homem que sabe apreciá-las.

E eu as apreciava muito mais do que pelo seu sabor, por aquilo que representavam, pelos dias e pelas noites, o clima, os perigos, toda a poesia que as havia maturado. A figura linear, granítica do velho ainda permanece no fundo de minha memória igual a uma daquelas pedras monumentais com vagas formas humanas que os povos pré-históricos erguiam em suas solidões rochosas como ídolos significativos.

Mas eu não era gulosa, nem ao menos me aproveitava das frutas que ficavam presas nas traves da sala alta e que eram tão fáceis de derrubar. Eu não era gulosa e, além da consciência que me impedia de cometer ações ilícitas, eu tinha ainda a mania das privações.

Então eu me abandonava ao que minha mãe considerava o maior de todos os pecados, a contínua e ávida leitura de livros não adequados à minha idade e, sobretudo, à minha educação. Naturalmente eu lia escondida, dia e noite. Naquela quarto onde os camundongos roíam os papéis, e as andorinhas faziam os seus primeiros exercícios de voo, e onde também a minha alma se abria lentamente, sozinha, a cada hora, a cada folha de livro, como a rosa de cem pétalas que parece estar totalmente aberta enquanto conserva, até o último instante, no seu centro, algumas pétalas ainda fechadas.

É necessário dizer que a suntuosa escrivainha e a antiga estante de nogueira pertenciam à minha família por

herança de um parente, um velho bispo, homem culto e estudioso que morreu com ares de santidade.

E a sua lembrança espalhava verdadeiramente, no quarto onde eu me refugiava, um cheiro de perfume. Era, certamente, o cheiro das frutas penduradas nas traves, e também o que vinha de fora, das hortas cheias de violetas, de manjerona e de sálvia, mas dentro de mim, menina, aquele cheiro tinha, de qualquer maneira, um encanto especial.

Os livros, não obstante ao que minha mãe pensasse deles, eram ótimos: todos os grandes clássicos, nossos ou traduzidos em língua italiana, muitos volumes em língua latina e livros religiosos, vidas de santos, bíblias e monografias religiosas, estas, no entanto, não me chamavam atenção. Sentia, sim, *o cheiro* de santidade do velho bispo da família, mas misturado sempre com os perfumes da terra e da realidade circunstante.

No santo bispo, que diziam ter morrido virgem, depois de uma vida de abstinência, de estudo e meditação, eu via apenas a figura de um homem extraordinário que tem a coragem e a força de elevar-se acima dos outros, e os atrai para si, como Cristo na cruz, com a força da renúncia e da dor; no entanto, mais do que amá-lo, eu o admirava, e se vinha em minha mente a ideia de também ser santa, eu logo me apercebia da impossibilidade.

Santos já nascem santos, não se transformam completamente se o Senhor não os marcou no seio materno com o crisma de sua graça. Mas já é um sinal de bondade divina dentro de nós se conseguirmos entender o mistério daquela graça.

Sermos pelo menos bons! Ou ao menos tentarmos ser. Quem não pode compreender esta dádiva não saberá nunca